

# RESISTÊNCIA FEMININA EM TEMPOS PANDÊMICOS NO NORTE TOCANTINENSE: QUILOMBO DONA JUSCELINA EM MURICILÂNDIA-TO

Elaine da Silva Sousa <sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo exemplificar o uso de plataformas digitais como forma de resistência feminina na Comunidade Quilombola Dona Juscelina no ano de 2020. A comunidade está localizada na região norte do estado do Tocantins e permeia na interface entre o urbano e o rural no município de Muricilândia-TO com acesso pela rodovia TO-222. O uso de recursos e plataformas digitais foi uma, dentre as diversas formas de resistir, que a comunidade encontrou diante da dinâmica que a pandemia da Covid-19 impôs. Nesta pesquisa utilizou-se de uma abordagem qualitativa com procedimentos metodológicos a partir da pesquisa bibliográfica e da observação participante. As análises demonstram que o uso de plataformas digitais dentro do quilombo promoveu uma nova e necessária dinâmica territorial diante do cenário pandêmico.

**Palavras-chave:** Quilombo, Mulher, Pandemia, Plataformas Digitais.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo ejemplificar el uso de plataformas digitales como forma de resistencia femenina en la Comunidad Dona Juscelina Quilombola en 2020. La comunidad está ubicada en la región norte del estado de Tocantins y permea la interfaz entre las áreas urbanas y rurales en el municipio de Muricilândia-TO con acceso por la carretera TO-222. El uso de recursos y plataformas digitales fue una de las tantas formas de resistencia que encontró la comunidad ante la dinámica que impuso la pandemia de Covid-19. En esta investigación se utilizó un enfoque cualitativo con procedimientos metodológicos basados en la investigación bibliográfica y la observación participante. Los análisis demuestran que el uso de plataformas digitales dentro del quilombo promovió una nueva y necesaria dinámica territorial ante el escenario de pandemia.

**Palabras clave:** Quilombo, Mujer, Pandemia, Plataformas Digitales.

## INTRODUÇÃO

A Comunidade Quilombola Dona Juscelina teve e tem como principal liderança a matriarca Lucelina Gomes dos Santos, cujo nome social é Juscelina. A matriarca tem origem nordestina nascida no dia 24 de outubro de 1930 na cidade de Nova Iorque-MA, e chega com sua família ao norte tocantinense na década de 1960. Infelizmente, no dia 03 de julho de 2021, a matriarca dona Juscelina faleceu na cidade de Araguaína-TO.

---

<sup>1</sup> Doutoranda – PPGeo/IESA/UFG, [elaine.sousa@discente.ufg.br](mailto:elaine.sousa@discente.ufg.br)

Dona Juscelina contribuiu de forma significativa para o crescimento da comunidade e também da cidade de Muricilândia-TO. De certo modo, a dinâmica de construção territorial desses espaços – quilombo e cidade – ocorreu em um mesmo processo. É nessa configuração que a comunidade se encontra presente, ou seja, um espaço urbanizado.

A dinâmica de resistência e de luta pela permanência em seus espaços territoriais sofreu, de forma necessária e urgente, mudanças significativas em razão da pandemia de Covid-19 no ano de 2020<sup>2</sup>. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo exemplificar o uso de plataformas digitais como forma de resistência feminina na Comunidade Quilombola Dona Juscelina no ano de 2020.

Novos enfrentamentos surgiram e para eles novas estratégias de resistência foram criadas e/ou utilizadas. Uma construção feita entre parcerias que resultou em uma rede com novas e necessárias dinâmicas territoriais.

## **METODOLOGIA**

Para cumprir o objetivo apresentado utilizou-se de uma metodologia qualitativa com procedimentos metodológicos a partir da pesquisa bibliográfica pertinente a temática abordada, observação participante junto das atividades propostas pela agenda da comunidade partindo do protagonismo feminino, bem como daquelas que havia integrantes nos espaços externos.

Para a realização desta pesquisa e acompanhamento das atividades, uma vez que esses dados fazem parte dos resultados da dissertação de mestrado finalizada no ano de 2021, ressalta-se que a pesquisa teve aprovação pelo Comitê de Ética. O item seguinte apresenta uma breve contextualização histórica e geográfica da formação da comunidade supracitada.

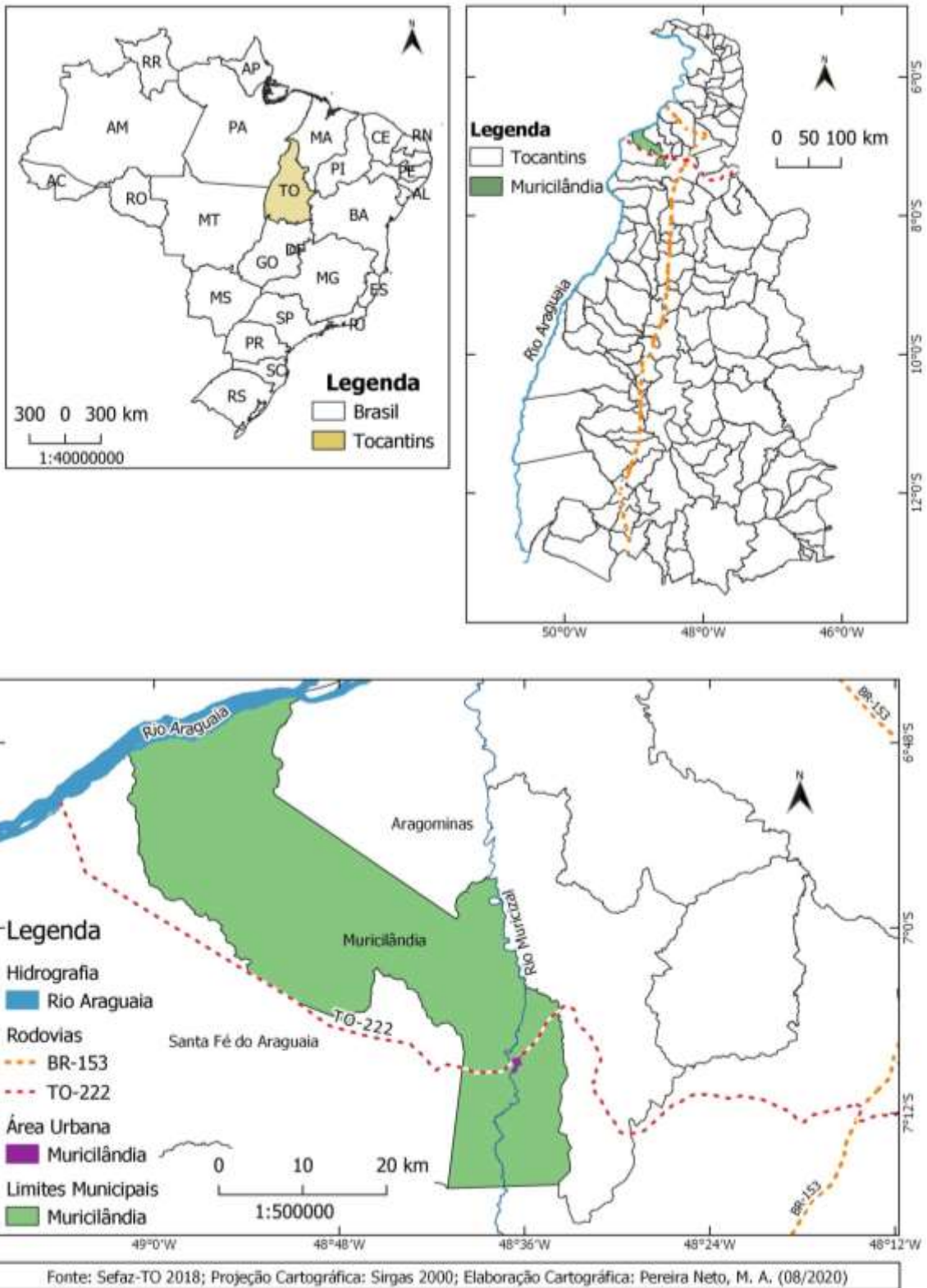
## **CONSTRUÇÕES FEMININAS E QUILOMBOLAS**

O Quilombo Dona Juscelina que se encontra presente no município de Muricilândia-TO (mapa 01) na região norte do estado do Tocantins e também do país, está presente no bioma Amazônia. Essa comunidade perpassou por uma série de processos sociais, territoriais e políticos ao longo dos anos.

---

<sup>2</sup> Esses dados são resultados parciais da pesquisa de Dissertação de Mestrado realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Tocantins concluída em 2021 e intitulada “Protagonistas de sua História: territorialidades femininas da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO”.

Mapa 01: Localização geográfica da cidade de Muricilândia-TO.



Fonte: SEFAZ/TO. Organização: Pereira Neto, M. A. (2020).

Numa contextualização breve, esses processos são apresentados em três momentos. No primeiro, ocorre o processo de territorialização de migrantes nordestinos para a região

citada na década de 1950 em busca das Bandeiras Verdes (Vieira, 2001) seguindo as profecias de Padre Cícero. Encontram terras devolutas e assim começam o seu processo de construção do território. Nesta perspectiva, segundo Haesbaert (1997) o território assume uma dimensão simbólica, identitária e afetiva para este grupo.

No segundo momento, década de 1970, ocorre o processo de desterritorialização desse grupo a partir da chegada do “progresso”. A construção da Rodovia Belém-Brasília com inúmeros projetos de desenvolvimento econômico tendo a Amazônia Legal como foco inicia o processo espoliativo desse território como bem salienta Castilho (2019) e Oliveira, Ferreira e Barreira (2020), provocando mudanças nesses territórios que tem sua origem no uso de documentação falsa – grileiros (Sader, 1986), usando de vários tipos de violência (Santos, 2020).

O terceiro momento compreende a atualidade e se constrói em um processo de reterritorialização através das atividades que são realizadas pela comunidade anualmente, a citar o Festejo da Abolição que é realizado no mês de maio. São atividades que promovem a construção de uma identidade territorial e social através do território como afirma Haesbaert (1999, p. 78), e enfatiza que “uma identidade em que um dos aspectos básicos para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto mais concreto”.

É nessa estruturação que a comunidade luta por seu território ancestral – termo esse utilizado pelas lideranças locais, permeando vários processos de espoliação onde essa localidade é vista como a “região de novas oportunidades” ou “fronteira de recursos” podendo ser compreendida como uma segunda frente da velha marcha para o oeste (Oliveira; Ferreira; Barreira, 2020), considerando que parte do norte do Tocantins está presente na área de transição dos biomas Amazônia-Cerrado.

Desse modo, a comunidade revive um processo de TDR – territorialização, desterritorialização, reterritorialização (Saquet, 2003[2001]). As geógrafas Elaine Sousa e Marciléia Bispo enfatizam acerca desse processo espacial e territorial.

É nesse espaço/território que a comunidade quilombola constrói suas identidades, trava suas batalhas, realiza suas festividades culturais com grande diversidade geossimbólica e, quando as entrelinhas são observadas em sua essência, encontramos dentro dos seus quintais características adquiridas do tempo em que essa população era proprietária de seus lotes, sendo essa uma grande expressão do território simbólico, uma expressão de micro reterritorialização (Sousa; Bispo, 2023, p. 10).



Essa e tantas outras comunidades resistem a todos esses processos de expulsão e violências no país e no estado do Tocantins, a citar os conflitos gerados pelo agronegócio como bem relatam Santos (2020) e Souza e Chaveiro (2019) em seus escritos.

Santos (2020, p. 1414) destaca que “a ocupação econômica da Amazônia pelo capital é contraditória, isto é, gera conflitos sociais entre as classes sociais – entre camponeses e capitalistas, a ação do Estado também teve e tem como objetivo o controle dos conflitos pela terra, em vez de acabar com eles”.

Nesse cenário, a violência no campo é um dado real e quando falamos dos enfrentamos que relacionam raça, gênero e classe, a realidade é ainda mais perversa.

A quilombola Selma dos Santos Dealdina enfatiza que:

Os territórios quilombolas vêm resistindo ao longo dos anos a um quadro de total abandono no que diz respeito a políticas públicas, sem acesso a saneamento básico, direito de moradia adequada, políticas de educação escolar quilombola ou saúde. Agravam essa situação os permanentes conflitos em defesa do território, o que tem submetido a população quilombola à violência psicológica, moral e física, como a eminência de despejos ou remoções forçadas, a prática de racismo ambiental, restrições ao direito de ir e vir, ameaças à vida e assassinatos, só para citar alguns exemplos (Dealdina, 2020, p. 27).

Dentro dessa perspectiva de resistência e enfrentamento feminino do Quilombo Dona Juscelina diante do cenário de espoliação de seu território, a pandemia da Covid-19 que se iniciou no ano de 2020 interferiu diretamente na agenda da comunidade. Foi necessário usar de novas estratégias para permanecer em seus espaços criando assim, uma nova dinâmica territorial no ambiente da comunidade e da cidade de Muricilândia-TO. No item seguinte serão exemplificadas as mudanças que ocorreram numa tentativa necessária de construção de uma nova dinâmica de resistência, sobretudo feminina.

## **PLATAFORMAS DIGITAIS COMO DINÂMICA DE RESISTÊNCIA FEMININA**

Essa dinâmica se caracterizou pelo uso de plataformas digitais com a realização de “lives”. Era tempo de isolamento social, no entanto, a necessidade de dialogar diante de todo o cenário local/nacional/mundial e o fazer ecoar das vozes femininas resistiram e resiste. Givânia Maria da Silva destaca que:

As mulheres quilombolas atuam como um acervo da memória coletiva; com elas estão registradas as estratégias de luta e resistência nos quilombos, os conhecimentos guardados e repassados de geração em geração. São diferentes formas de produção de conhecimento, através de uma diversidade de saberes, incluindo conhecimentos tradicionais e científicos. Dentre os papéis que desempenha está o de guardiãs da pluralidade de conhecimentos que emergem e são praticados nos territórios quilombolas (Silva, 2020, p. 54).

A transmissão de saberes é uma prática de resistência e manutenção dos conhecimentos, “nos quilombos, os valores culturais, sociais, educacionais e políticos são transmitidos às e aos mais jovens pela oralidade” (Dealdina, 2020, p. 37).

Mesmo diante do cenário de afastamento e isolamento social a mulher negra do Quilombo Dona Juscelina segue transmitindo seus saberes através da oralidade. O uso de plataformas digitais possibilitou, de forma adaptada, a continuação das atividades da comunidade como podemos observar na figura 1. Os momentos de realização das *lives* promoveram trocas entre saberes tradicionais e científicos através do uso de plataformas ligadas a professores de instituições federais.

Figura 1 – *Live* realizada pela matriarca no dia 13 de maio de 2020.



Fonte: SOUSA, E. 2021.

Intitulada “13 de maio: novas estratégias de resistência” com mediação do Prof. Dernal Venâncio Ramos Júnior da Universidade Federal do Norte do Tocantins-Araguaína e da jovem quilombola Ludimila Carvalho dos Santos, a matriarca Dona Juscelina realizou um *live* que teve início às 19 horas da noite pela plataforma digital *instagram* na página @afrikanidade<sup>3</sup>, contando também com a participação do Conselho de Griôs.

<sup>3</sup> Endereço da página: <https://instagram.com/afrikanidade?igshid=u8goqbg0s92t>.

Nesta mesma perspectiva, como podemos observar na figura 2, Ludimila também realizou e realiza *lives* por meio de plataformas digitais.

Figura 2 – *Lives* realizadas pela jovem quilombola Ludimila Carvalho dos Santos.



Fonte: SOUSA, E. 2021.

Entrevemos dois momentos de fala da quilombola. O primeiro diz respeito ao dia 26 de junho de 2020 com o título “É tempo de nos Aquilombar” realizado pela plataforma *instagram* por meio da página @afrikanidade. A segunda fala se faz acompanhada de outras mulheres quilombolas e foi realizada pela plataforma *YouTube* no dia 17 de julho de 2020, pela página “Ajunta Preta<sup>4</sup>” tendo como título “Resistências Ancestrais e Desafios Contemporâneos das Mulheres Quilombolas”.

Na *live* do dia 17 de julho de 2020, também participou a quilombola Débora Gomes que faz parte da Comunidade Quilombola Pé do Morro localizada na cidade de Aragoiminasto, distante à 20km de Muricilândia-TO. Débora é militante e participa de vários movimentos ligados à questão quilombola e a luta pela terra.

No dia 14 de setembro de 2020, dona Cícera Vieira Almeida que era conhecida e reconhecida por desenvolver remédios medicinais, realizou uma *live* (figura 3) com mediação da jovem quilombola Ludimila, pela página @afrikanidade da plataforma digital *instagram*.

Na ocasião, a griô relatou sobre seus conhecimentos e ervas medicinais e o contexto da saúde quando a mesma chegou em Muricilândia-TO. O evento contou com a colaboração

<sup>4</sup> Endereço da página: <https://www.youtube.com/channel/UClm-mlumfJT8fKo8fUJKrdg>.



de instituições públicas e privadas e teve como título “Vozes negras do Tocantins”.  
Infelizmente, no dia 04 de março de 2021, dona Cícera faleceu na cidade de Araguaína-TO.

Figura 3 – Live realizado pela griô Dona Cícera no dia 14 de setembro de 2020.



Fonte: SOUSA, E. 2021.

A necessidade de comunicação, de falar e ser ouvida diante de uma realidade de invisibilização da mulher, principalmente da mulher negra e quilombola, que foi acentuada ainda mais diante do cenário pandêmico fez surgir novas formas de lutas e um dos caminhos encontrados foi o uso das plataformas digitais.

As *lives* que foram anteriormente citadas são alguns dos vários e necessários caminhos. A luta da Comunidade Quilombola Dona Juscelina e das mulheres não pararam e não param. Participar e/ou realizar uma *live* é um exemplo e um ato de resistência, contar com a participação das mais velhas e mais novas nestas plataformas é demonstração de união e compreensão pelo conhecimento de cada um. É reconhecer o valor de cada povo, de cada comunidade, de cada pessoa, de cada mulher.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O protagonismo feminino sempre foi muito presente no quilombo e desde muito cedo as mulheres, a partir do exemplo e dos ensinamentos de dona Juscelina, se inserem nos cargos dentro da comunidade e da associação com forte poder de decisão. Essas mulheres são resistência tanto nos espaços internos como em espaços externos, vivem cotidianamente a luta



contra uma sociedade patriarcal e racista promovendo outra configuração para a região na qual estão inseridas.

A dinâmica territorial do Quilombo Dona Juscelina reflete o cenário do país quando se trata dos povos e comunidades tradicionais. Estão em constante luta pelos seus direitos e perpassam por vários processos de violências. As *lives*, diante do cenário apresentado, podem e devem ser compreendidas como estratégias de luta que promovem uma nova dinâmica territorial tanto na Amazônia como no Cerrado. No contexto desse quilombo, as *lives* são territorialidades femininas construídas em redes de parcerias entre instituições, pessoas e plataformas digitais.

## REFERÊNCIAS

CASTILHO, Denis. Redes e processos espoliativos no centro-norte do Brasil. In: OLIVEIRA, Floriano Godinho de (org.). **Espaço e economia: geografia econômica e a economia política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

DEALDINA, Selma dos Santos. Mulheres quilombolas: defendendo o território, combatendo o racismo e despatriarcalizando a política. In: DEALDINA, Selma dos Santos (Org). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In. ROSENDHAL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). **Manifestações da Cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**. Niterói: Editora da UFF, 1997.

OLIVEIRA, Adão Francisco de; FERREIRA, Rogério Castro; BARREIRA, Celene Cunha M. A. Contornos da fronteira capitalista no século XXI: um olhar sobre o Cerrado e a Amazônia. **Caminhos de Geografia (UFU)**, Edição especial – I CIGEO-DR, p. 76-88, 2020.

SADER, M. Regina C. de Toledo. **Espaço e Luta no Bico do Papagaio**. Tese (doutorado), FFLCH - Departamento de Geografia – Universidade de São Paulo, 1986.

SANTOS, Roberto de Souza. Estado, políticas públicas e agronegócio na Amazônia Legal: uma análise a partir dos conflitos socioterritoriais. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. XXIV, p. 1398-1417, 2020.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre/ RS: EST Edições, 2003 (2001).

SILVA, Givânia Maria da. Mulheres quilombolas: afirmando o território na luta, resistência e insurgência negra feminina. In: DEALDINA, Selma dos Santos (Org). **Mulheres**



**quilombolas: territórios de existências negras femininas.** São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

SOUSA, Elaine da Silva; BISPO, Mariléia Oliveira. Território, Memória e Resistência: lutas femininas da Comunidade Quilombola Dona Juscelina – Muricilândia-TO. **Revista da ANPEGE**. Sessão Temática/Geografias Negras. v.19, n.38, 2023.

SOUZA, Lucas Barbosa e; CHAVEIRO, Eguimar Felício. Território, ambiente e modos de vida: conflitos entre o agronegócio e a Comunidade Quilombola de Morro de São João, Tocantins. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v.23, n.1, p.1-26, 2019.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. **À Procura das Bandeiras Verdes:** viagem, missão e romaria - Movimentos sócio-religiosos na Amazônia Oriental. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 2001.